

**[Lucy à beira mar]
[Elisabeth Strout]****[Elisabeth Strout] Biografia:**

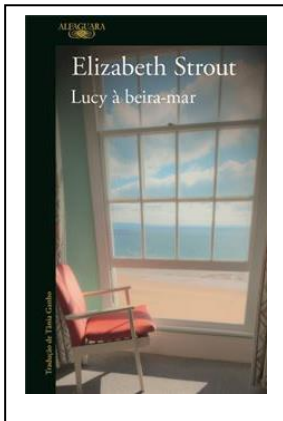
Romancista nascida em 1956 em Portland, nos Estados Unidos da América, é uma das romancistas americanas mais aclamadas da actualidade.

Além do sucesso mundial que obteve com o romance *Olive Kitteridge*, que lhe valeu um prémio Pulitzer, recebeu ainda o *Los Angeles Times Art Seidenbaum Award* e o *Chicago Tribune Heartland Prize* pelo seu romance de estreia, *Amy and Isabelle*.

Foi também finalista dos prémios *PEN/Faulkner Award*, *Orange Prize* e *International Dublin Literary Award*, no Reino Unido.

Os seus textos têm sido divulgados em várias publicações periódicas, incluindo a *The New Yorker*.

Na Alfaguara estão publicados *O meu nome é Lucy Barton*, finalista do Booker Prize, *Tudo é possível*, vencedor do *Story Prize*, e *Olive Kitteridge*, vencedor do *Pulitzer Prize* e finalista do *National Book Critics Award*. *Olive Kitteridge* foi adaptado a uma série de televisão vencedora de um Emmy.

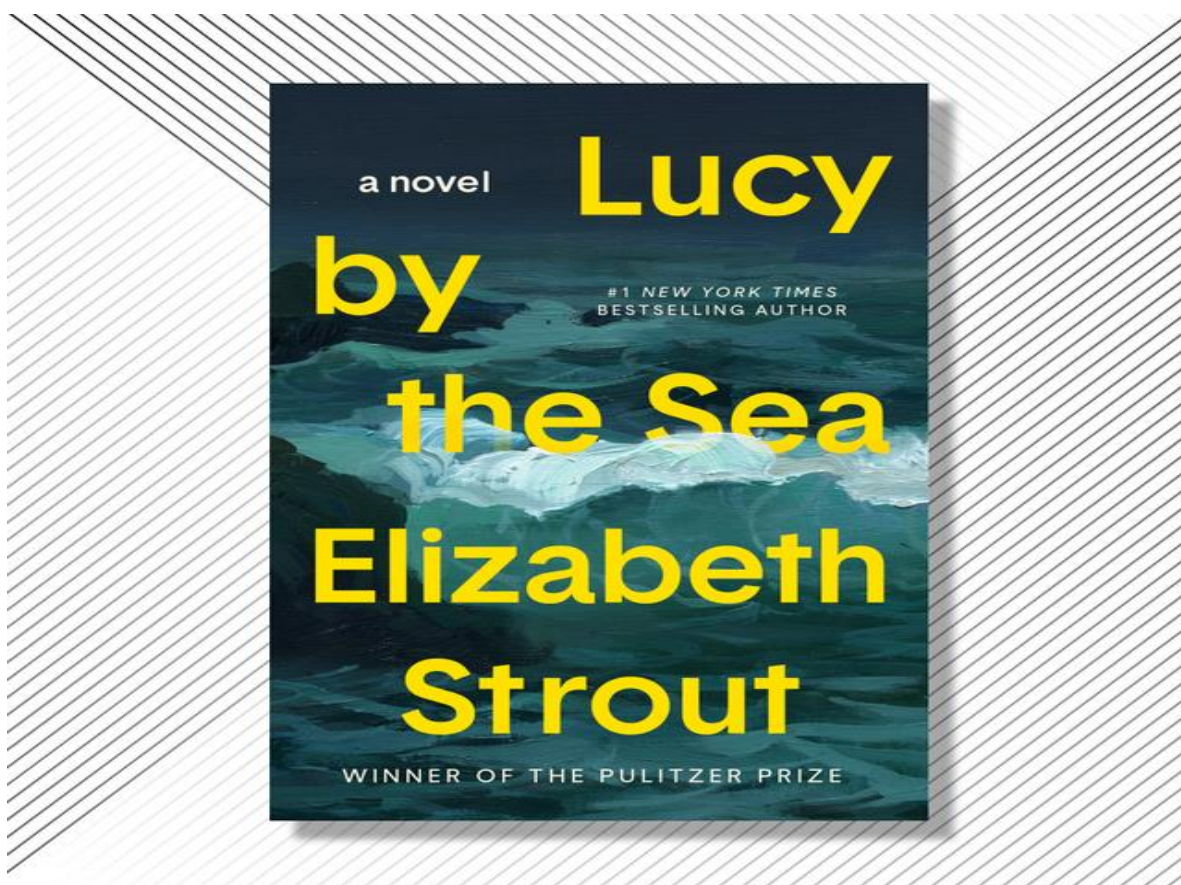
Sinopse de [Lucy à beira mar]

Distinguida com o Prémio Pulitzer, a extraordinária escritora Elizabeth Strout regressa, neste romance, à sua icónica personagem Lucy Barton, protagonista de uma história de empatia, emoção, perda e esperança. Um dos melhores livros do ano: The New York Times Book Review, The New Yorker, Time, The Washington Post. Vila-Matas Quando o medo pandémico se apodera da cidade, Lucy Barton abandona Manhattan e muda-se com William, o seu ex-marido, para uma pequena cidade costeira no Maine. Nos meses que se seguem, os dois vivem numa casa perto do mar, experiência que vai revelar-se transformadora. Lucy e William voltam a ser os companheiros de há tantos anos — a diferença é que se encontram isolados do mundo em colapso, estando a sós com um complexo passado, com as suas memórias e com os seus desejos. Elizabeth Strout explora os interstícios do coração humano e compõe um retrato revolucionário e luminoso das relações íntimas durante os confinamentos. No cerne desta história estão os laços profundos que nos unem, mesmo quando separados: o vazio após a morte de alguém que amamos, ou o consolo de um antigo amor que afinal perdura. «O livro mais subtil e intensamente comovente de Elizabeth Strout. Uma obra verdadeiramente monumental.»

***Lucy by the Sea*, de Elizabeth Strout , é atemporal e familiar, como uma velha amiga**

A autora de *Oh William!* fala sobre o seu novo romance catártico e o seu processo de escrita e inspiração

Por [Lauren LeBlanc](#) 1 de dezembro de 2022 (Oprah Daily)



Prestes a tornar-se finalista do Prémio Booker pelo seu romance de 2021, *Oh William!*, Elizabeth Strout retorna à sua personagem icónica Lucy Barton para seu nono livro, *Lucy by the Sea*, também um dos livros favoritos do ano do Oprah Daily. A recente viúva Lucy encontra-se como todos nós em março de 2020, totalmente despreparada para a pandemia. O seu ex-marido, William, exige que ela se junte a ele numa casa alugada no Maine, longe dos seus respectivos apartamentos em Manhattan. É a partir dessa perspectiva distante que Strout nos junta a esses indivíduos que partilham duas filhas adultas, vários casamentos e uma vida inteira de história. À medida que avançam nos dias e semanas que constituíram os primeiros dias da pandemia, nós também o fazemos. Este é um romance catártico e emocionante que explora as profundezas do nosso conhecimento dos outros e até onde iremos para salvar aqueles que amamos.

Este é, na verdade, o quarto livro em que Lucy, os seus amigos e familiares aparecem, mas por favor, não chame isto de série. Na verdade, é perfeitamente possível ler os livros fora de ordem e

estar completamente sincronizado com o mundo destes personagens. Eu fiz isso. É uma prova da prosa direta e lúcida de Strout que o leitor não precisa seguir estritamente o enredo para ter empatia com os personagens de Strout e os seus desafios. Como em qualquer relacionamento, há momentos na leitura dos livros em que certas histórias exigem atenção, e há momentos em que momentos pessoais são ocultados ou suprimidos. Há um prazer inerente nesse mistério. Os livros parecem amigos familiares: complicados, atemporais, dolorosamente humanos e compassivos. Strout conversou com Oprah Daily para falar sobre seu processo de escrita e inspiração.

Como é que os seus personagens se desenvolvem? Mantém horários regulares para escrever ou a inspiração surge durante o dia?

Lucy Barton veio até mim como uma voz, muito parecida com um fino cordão de ouro que descia à minha frente. Eu pensei, *Hmm, se eu conseguir manter essa voz, tenho um personagem aqui*. Não há nada além da sua voz para oferecer ao leitor e, na minha opinião, foi única. Fiquei muito nervosa ao escrever na primeira pessoa e muito nervosa quando a nomeei escritora e assim por diante. Mas pensei: *Ah, vamos em frente, pelo amor de Deus*. Então eu fiz, e então percebi que ainda não havia concluído, porque ela era muito intrigante para mim.

Eu estava descarregando a máquina de lavar louça quando tudo era Olive [Kitteridge] para mim, mas eu sabia o suficiente, mesmo naquela fase, que quando algo vem à minha mente, preciso anotá-lo imediatamente e compor numa cena, porque não faz sentido eu tomar notas dizendo, você sabe, “mulher grande perto da mesa de piquenique”, porque isso não tem qualquer fluidez. Então tenho que escrever a cena o mais rápido que puder, mesmo que seja apenas um parágrafo.

Então, você mantém um caderno à mão?

Tenho tantos pedaços de papel diferentes. Sou muito desorganizada; Estou tão envergonhada por ser tão desorganizada, mas não vou mudar neste momento da minha vida. Eu só tenho tantos pedaços de papel diferentes. De alguma forma, pareço encontrar o caminho certo, se não os tiver deitado ao chão.

Provavelmente também é um acaso, se encontrar o que precisa. Como foi que Lucy veio até si?

Eu estava deitada na minha cama em Nova York e comecei a ouvi-la, então escrevi cerca de 30 páginas, pequenos esboços. Achei que não faria isso porque, como disse, só estava nervosa porque era um tipo de voz diferente e era na primeira pessoa, mas por algum motivo, enviei para a minha editora, [a falecida] Susan Kamil. Não sei por quê, porque nunca enviei nada para ela antes de enviar para o meu primeiro leitor ou para meu agente. E ela respondeu imediatamente; ela disse: “Você tem que fazer isso”. Ela é a pessoa que me deu permissão – não apenas permissão, mas disse: “Você deve fazer isso”.

No final de contas, como isso lhe pareceu certo? Isso mudou sua relação com a escrita sobre escritores?

Acabei de perceber que preciso entrar na cabeça de Lucy de todas as vezes que me sento para trabalhar num livro da Lucy. Esta é uma mulher que ficava depois da escola só para se aquecer, e era lá que ela lia. E pensei: *Oh, tem a minha palavra, esses livros vão abrir o mundo para ela. E é por isso que ela precisa ser escritora*. E isso me deixou nervosa porque sou escritora,

obviamente. E pensei: *Ok, vamos ver como isso funciona*. Gostei de como funcionou em *My Name Is Lucy Barton*. E então pensei: *Ok, ela é uma escritora*. É isso. Você sabe, ela não vai ser médica.

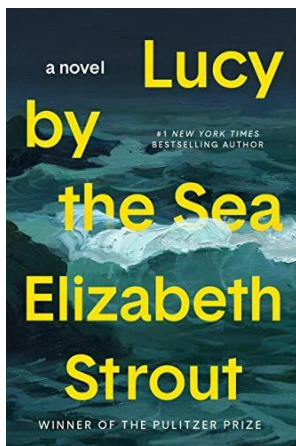
Isso não seria verdade para ela. Em que momento da pandemia decidiu que iria escrever *Lucy by the Sea*? Já escreveu três livros sobre Lucy. Pensou em escrever outro ou estava a trabalhar em algo que era novo para si?

Se eu estivesse a trabalhar num livro diferente, tenho certeza de que o teria terminado. Mas eu tinha literalmente acabado de terminar *Oh William!* Os personagens estavam muito, muito na minha cabeça, e então a pandemia começou. Percebi que simplesmente não posso deixar essas pessoas irem embora. Pensei brevemente em escrever um epílogo para *Oh, William!* aí pensei, não, porque gostei muito da forma como o romance termina.

Naquela época, como ninguém sabia quanto tempo duraria a pandemia, comecei a escrever cenas. E então, à medida que a pandemia continuava, percebi: *Ah, este será o seu próprio livro*. Nunca pensei que escreveria sobre a pandemia. E, no entanto, ao mesmo tempo, este é um momento da história que não pode ser evitado e que provavelmente deveria ser registado. E se você puder fazer isso através de Lucy e William, vamos fazer isso.

Você escreve a partir de um esboço?

Não nunca. E nunca escrevo do começo ao fim. Durante anos e anos, desde quando minha filha era muito pequena, eu poderia ter apenas duas horas por dia para trabalhar – no máximo, talvez em dias alternados. Aprendi a escrever em cena porque, quando estava escrevendo *Amy e Isabelle*, comecei a perceber: *Ah, perdi duas horas tentando tirar Isabel do supermercado*. Como não tive tempo, simplesmente pulei para a próxima coisa.



Portanto, cada vez que me sentava, baseava-me no meu próprio senso de urgência, grande ou pequeno. Sempre há algo em um determinado momento em que estamos a pensar mais do que em outros, então tento chegar a essa emoção e, em seguida, transponho-a para um personagem com o que quer que eles estejam fazendo. Foi assim que aprendi a escrever em cenas. Eu encontraria cenas com batimentos cardíacos, é como penso nisso. Os que não o fizessem seriam jogados no chão. Mas aqueles com batimentos cardíacos acabariam por se organizar, eventualmente, numa história narrativa.

Lucy à beira-mar: um romance

Escrever através das cenas leva-me a pensar nos personagens que se vão desenvolvendo por meio de ações e respondendo de acordo. William é um personagem complicado, profundamente compassivo e leal, ao mesmo tempo que é enganoso e potencialmente manipulador. Aprecio a complexidade moral dos seus personagens porque apresenta aos leitores o desafio de perdoar as pessoas, e temos a escolha de...

...aceitar ou não, certo? As complicações das personalidades é sempre o que me fascina. Para mim, uma das coisas mais engraçadas de escrever é que, quando vou para a página, suspendo

todo julgamento sobre eles, o que é maravilhoso, porque na vida real, provavelmente sou crítica, porque todos nós somos. Honestamente, provavelmente teremos que ser capazes de manobrar o nosso caminho pelo mundo. Mas quando me sento para escrever estes personagens, eu amo-os com o coração de Deus porque estou lá apenas para relatar sobre eles, e o que eles fazem é exatamente o que fazem. Não julgá-los é maravilhoso para mim.



**Leonardo Cendamo*



Elizabeth Strout sobre a escrita: 'Continuemos.'

'Nunca é fácil. Mas às vezes é divertido. E quando está a ir bem, não há nada igual.'

Por Lisa Tolin, PEN AMERICA

Aos 66 anos, [Elizabeth Strout](#) está a produzir livros mais rápido do que nunca e nenhuma pandemia global poderia atrasá-la. O seu último romance, [Lucy by the Sea](#), está logo atrás de sua lista de finalistas do Booker Prize, [Oh William!](#) e segue os personagens apresentados pela primeira vez em [My Name Is Lucy Barton](#) durante a pandemia.

Strout diz que honestamente não sabe como se tornou tão produtiva numa idade em que muitas pessoas poderiam pensar em aposentar-se. “Acho que há tantos anos que me preparei para uma maratona que agora estou corrê-la, sabe?” diz ela. “Essa é a minha opinião, porque isso continua a aparecer e eu sei um pouco mais o que estou a fazer agora.” O seu treino para a maratona envolveu uma série de trabalhos diários incomuns e pilhas de rejeições. Ela guardou as rejeições numa caixa, mas nunca as contou e deitou-as fora quando publicou o seu primeiro romance, aos 42 anos. Mesmo agora, diz ela, escrever nunca é fácil. “Não, nunca é fácil. Mas às vezes é divertido. E quando está a ir bem, não há nada igual.”

Em [conversa com a PEN America](#), Strout refletiu sobre *Lucy by the Sea* e a vida como escritora.

No início de *Lucy by the Sea*, Lucy pensa que nunca mais escreverá outra palavra. Mas obviamente você foi bastante produtiva durante a pandemia. Já teve esse momento?

Não, porque parece que estou sempre a escrever, não importa o que esteja acontecendo na vida. Quer dizer, certamente tive momentos em que acho que nunca mais escreverei, mesmo enquanto escrevo, sabe. Mas pensei que a Lucy sentiria isso porque ela foi tão perturbada na sua vida, como ela a conhece, que pensei que a Lucy sentiria isso.

Sentiu que escrever sobre a pandemia conforme ela aconteceu foi terapêutico?

Ah, provavelmente é sempre. Quer dizer, é engraçado porque estou a trabalhar noutro livro e pensei: “Por que continuo sempre a fazer isso?” E pensei: “Bem, é exatamente o que gosto de fazer”. Então, quero dizer, acho que provavelmente é sempre terapêutico para mim escrever. Eu realmente não pensei sobre isso, mas é algo que parece que sempre faço. Então, havia uma pandemia à minha frente. E pensei: “Bem, não posso fingir que não aconteceu, então vamos escrever sobre isso”.

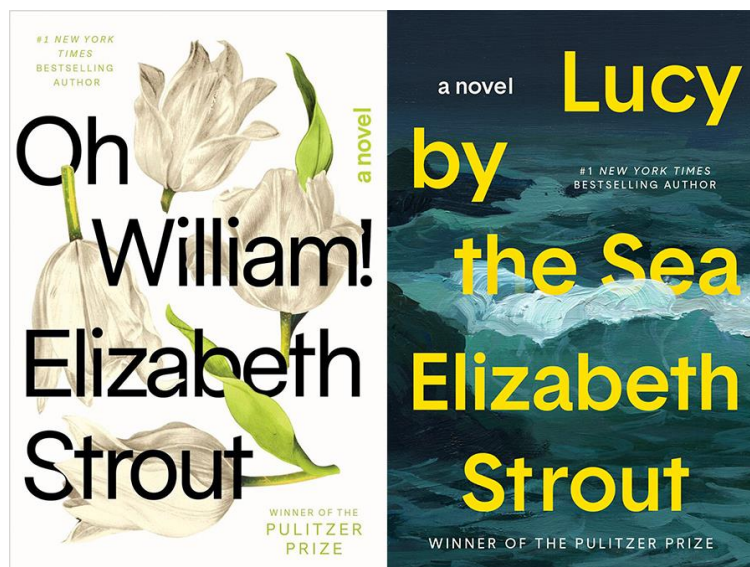
“Havia uma pandemia à minha frente. E pensei: “Bem, não posso fingir que não aconteceu, então vamos escrever sobre isso”.

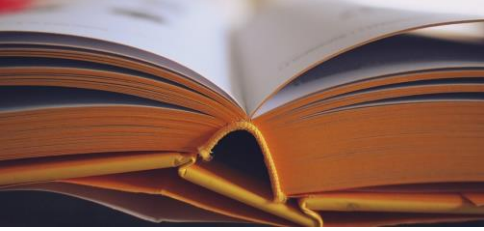
Voltou a muitos personagens familiares. Esses personagens vivem na sua cabeça neste momento e andam consigo?

Sabe, eu acho que eles fazem isso de certa forma. Quero dizer, eles podem ou não continuar a reaparecer. Acho que quando escrevo sobre alguém, sinto que o conheço tão profundamente, ou não estaria escrevendo, que ele fica comigo. Sabe, eles acabam por ficar comigo, porque eu sinto que realmente fui longe nas suas mentes ou almas ou algo assim.

O conceito de reunir um casal divorciado durante a pandemia é instantaneamente atraente. Como sabia que queria voltar a Lucy e William?

Eu tinha literalmente acabado de terminar *Oh, William!*, quando a pandemia começou. E sinceramente, até pensei em fazer disso um epílogo, porque ninguém sabia – eu não sabia quanto tempo ia durar. E pensei, ah, talvez eu faça apenas um epílogo. ... Mas então fiquei tão satisfeito com a forma como *Oh William!* terminei que não queria que o leitor virasse a página e tivesse que encontrar a mesma voz acontecendo. E então descobriu-se que era um livro próprio porque, sabe, a pandemia continuou.



**Sabia desde muito jovem que queria ser escritora. Houve um momento de revelação?**

Acho que estava no primeiro ano do ensino médio e lembro-me de ter dito à minha mãe que seria escritora. Então, nesse ponto, certamente se cristalizou, e lembro que ela me disse: “Bem, tu sempre tiveste excesso de palavras”. (risos)

Relacionamentos mãe-filha são algo que explora muito. A sua perspectiva mudou à medida que a sua filha cresceu?

Bem, só posso dizer que tive uma relação muito, muito complicada com a minha mãe. E para mim, ter a minha filha foi tão restaurador quanto maravilhoso. Simplesmente a minha filha foi o maior presente da minha vida, francamente. E então, à medida que envelheço e percebo, sabe, o quanto é verdadeiro o que carinho e cuidado podem fazer por alguém, não fico surpreendida e não sinto muito pelos livros que escrevi. Acho que é isso que direi.

Teve tantas carreiras interessantes antes de publicar o seu primeiro romance. Foi advogada, serviu às mesas, pianista, trabalhou numa fábrica. Essa experiência enriqueceu a sua escrita?

Sim. Levei anos para perceber isso, mas absolutamente em todos os empregos que tive - e tive tantos pequenos empregos realmente horríveis - mas acho que em cada trabalho aprendi algo sobre diferentes tipos de pessoas. Se eu não tivesse trabalhado naquele escritório da fábrica de calçados, nunca teria conseguido escrever para *Amy e Isabelle*. E conheci tantos tipos diferentes de pessoas em diferentes empregos que isso me abriu muitos, muitos mundos, francamente.

Estou particularmente fascinado pelo tempo em que fez comédia stand-up.

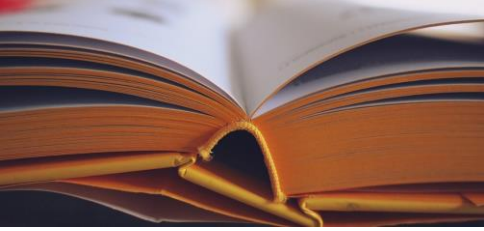
Deus, eu estava com tanto medo.

O que a levou a fazer isso?

Eu estava interessado em comédia. Desde que nos mudamos para a cidade, íamos a diversos clubes de comédia. E o que me impressionou é que as pessoas riam quando diziam algo que era verdade. E lembro-me de pensar, naquele momento da minha pobre carreira de escritora, que senti que havia algo sobre o qual não estava sendo honesta, mas não sabia o que era. Eu não consegui descobrir. E então pensei comigo mesmo: “O que aconteceria se eu me colocasse nesse tipo de situação de panela de pressão, e tudo o que saísse da minha boca tinha que ser verdade o suficiente para fazer as pessoas rirem?”

Então fiz um curso de comédia stand-up na New School, e isso foi bastante assustador. Toda semana alguém desistia, mas eu aguentei. E então, aqueles de nós que conseguiram passar, no exame final, tivemos que fazer comédia stand-up. E foi tão, tão assustador para mim. Ah, palavra. Eu não deixei ninguém vir. Mas alguém se riu, e então toda a gente começou a rir-se, e nunca esquecerei disso. Eu simplesmente amo-o, seja ele quem for. Deus o abençoe.

“Meu instinto estava certo em fazer isso, mas foi absolutamente aterrorizante. Juro que tirei pelo menos dois anos da minha vida.”



Mas a questão é que funcionou, porque o meu objetivo era zombar de mim mesma como uma espécie de mulher branca e rígida da Nova Inglaterra. E a verdade é que, honestamente, até fazer isso, eu nem sabia disso sobre mim. Eu nem sabia que era uma mulher branca da Nova Inglaterra. É assim que eu era branca. Era assim que eu era na Nova Inglaterra. Eu simplesmente nem sabia disso de uma certa maneira. E então, quando percebi isso, pensei: Ah, tudo bem. E então consegui escrever para Isabelle Goodrow, uma mulher branca muito tensa da Nova Inglaterra. Quero dizer, ela não sou eu. Mas, sabe, foi fundamental para mim perceber, ah, esse é o meu lugar neste país.

Então isso ajudou-a a entrar em contacto consigo mesmo.

Isso aconteceu. O meu instinto estava certo em fazer isso, mas foi absolutamente aterrorizante. Juro que me tirou pelo menos dois anos de vida.

Também sofreu rejeição, mesmo tendo algum sucesso. O que diria a alguém que está passando por esse tipo de rejeição agora?

Bem, não é divertido. Não há nada divertido numa rejeição. Sempre, sempre, sempre. E então esqueça isso. Continue. Continue seguindo em frente e escrevendo o melhor trabalho que puder no momento em que estiver a escrever. Apenas faça o melhor que puder e continue fazendo isso. Tem que engolir a rejeição, mas continue. Continue.

Comparou o seu processo de escrita a desamassar papel encerado ou pressionar chiclete. Pode falar sobre o que isso significa?

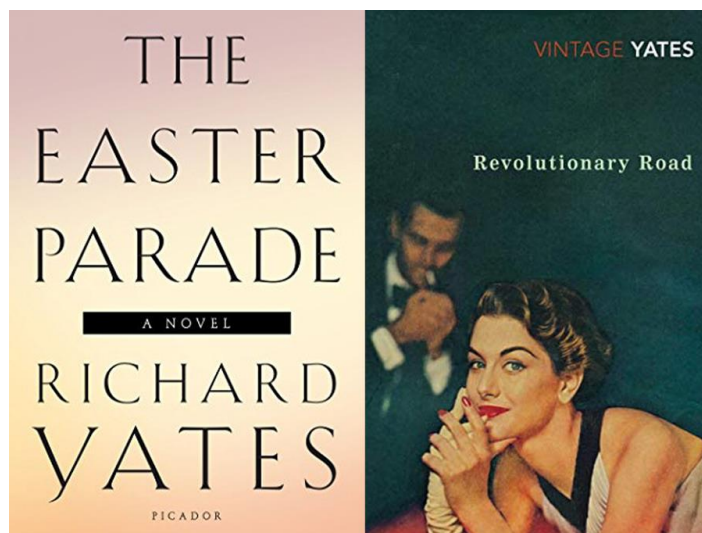
Bem, quero dizer, não sei por que me vem à mente aquela coisa de chiclete ou até mesmo o papel encerado, exceto que eu sei - mas é sempre apenas uma grande mancha. E então estou a tentar suavizar isso. Cada vez que volto e volto, tento suavizar. E escrevo por cenas. Não escrevo do começo ao fim. E então cada cena que eu tento suavizar, se tiver o que chamo de batimento cardíaco, se valer a pena, então voltarei e continuarei suavizando e então, sabe, adicionando algo, ou outra cena, de alguma forma ficará automaticamente próximo. É basicamente assim que escrevo, na verdade. É interessante. Quero dizer, é interessante para mim. (risos)

Em algum momento, deve ser como montar um puzzle.

É isso. Essa é uma boa maneira de colocar as coisas, porque eu tenho todos os tipos de cenas diferentes, e então as coloco de lado. E então, de repente, me lembro: "Oh, espere, espere, espere. Vamos encontrar *essa* cena. Aposto que isso iria para lá. E se isso acontecer, é, você sabe, emocionante.

Qual foi a última coisa boa que leu?

A última grande coisa que li foi Richard Yates. Eu li *Revolutionary Road* e *Easter Parade*, que havia lido anos atrás, e os reli, e adorei-os tanto quanto da primeira vez. Não sei por que ele é tão compulsivo comigo.

**Qual foi o melhor conselho sobre escrita que recebeu?**

O melhor conselho sobre escrita que recebi provavelmente foi-me dado por mim mesma, que é apenas continuar a ler e a escrever. Apenas não pare. Foi isso que entendi há anos. Acho que ninguém nunca me disse isso. Eu acabei por descobrir. Mas acho que é o melhor conselho que uma pessoa pode receber se estiver a tentar ser escritora.

O que odeia em escrever?

Quando não vai bem. Isso me faz sentir horrível.

Ainda tem esses dias?

Sim. Mas simplesmente se continua. Você simplesmente continua. E é por isso que, neste momento, isso não importa tanto quanto antes, porque eu percebo: “Tudo bem, então escrevi muito mal hoje. Amanhã não escreverei tão mal.” E então, se o fizer, fico pensando: “Bem, amanhã não escreverei tão mal” de novo e, eventualmente, não escrevo tão mal.

Lisa Tolin é Diretora Editorial da PEN America.

Lucy by the Sea por Elizabeth Strout – confissões do confinamento

Esta continuação do *Oh William!* é um registro maravilhosamente vivo das pressões pandémicas e do poder do passado

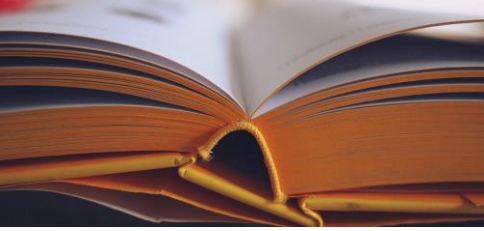
[Alexandra Harris](#), Qui, 29 de setembro de 2022, The Guardian



Elizabeth Strout escreve obras-primas num ritmo que se pode não suspeitar devido à sua amplitude e beleza constante. No ano passado ela publicou *Oh William!*, que está na lista do prémio Booker de 2022. Nele, sua adorada narradora Lucy Barton retorna hesitantemente à companhia de seu primeiro marido, William, pensando o tempo todo sobre empatia, solidão e o seu sentimento de invisibilidade ao longo da vida. Agora *Lucy by the Sea* retoma a história, mas há um vírus que se espalha e estamos no alvorecer de um mundo mudado.

“Não sei como dizer isso”, Lucy hesita, pensando nas primeiras semanas da pandemia, “mas a minha mente estava a ter dificuldade para absorver as coisas”. Aqui está a voz de Lucy novamente, a voz que primeiro manteve os leitores extasiados em *My Name Is Lucy Barton*, de Strout, de 2016. No entanto, também é estranhamente desconhecido. Lucy é vaga e distante de uma forma que a torna estranha, principalmente para si mesma. “A minha mente estava com problemas”, diz ela, como se a sua mente estivesse separada de si mesma, e ela sente que é assim durante os períodos desorientadores de um ano incognoscível.

William assume o comando quando vê a pandemia a chegar. Ele aluga uma casa na costa do Maine e tira Lucy da sua amada Nova York. “Talvez apenas algumas semanas”, ele mente, colocando firmemente o computador dela no carro enquanto ela insiste que para esse breve período ela só precisará de um iPad. “O que é aquilo?” Lucy pergunta incrédula ao ver luvas de plástico para usar na bomba de gasolina. “Não se preocupe com isso”, repete William, e é assim que eles continuam. William continua pouco comunicativo na sua tarefa autoproclamada de salvar a vida de Lucy. Lucy vai aonde é colocada, resistindo ao enamoramento de uma forma que



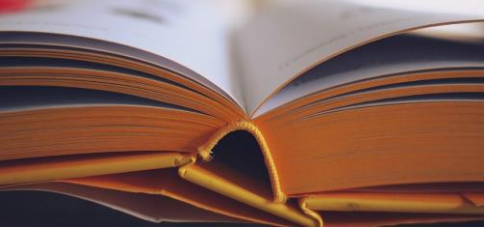
é difícil de entender até percebermos o quão profundamente isso está ligado à dor do seu segundo marido e à separação da cidade que partilhavam.

“É engraçado as coisas de que nos lembramos, mesmo quando pensamos que não estamos a lembrar-nos bem.” O romance assume a forma da lembrança de Lucy. O que pode ela recuperar desses meses? Ela não é como um dos narradores de Joseph Conrad ou Ford Madox Ford, indo e voltando no tempo, circulando e retornando aos acontecimentos. Ela faz progressos de cronista, mas coisas invisíveis, não ditas e esquecidas fazem parte do seu tema. Raios de amor e ódio infantis voltam desde os primeiros dias no Maine: ódio irritável pelos quebra-cabeças e pela casa emprestada; amor do mar. “Pensei: Este é o *mar!*” Lentamente (foi “estranhamente lento”), o conhecimento da situação chega até ela; momentos de percepção repentina constroem uma compreensão mais ampla. Há incidentes que Lucy não consegue esquecer e que ela nos apresenta, numa confissão que não pede perdão. Ela não trocou de lugar na fila do supermercado com um homem idoso. Ela poderia ter feito a coisa certa, mas não o fez. É um ensaio ou uma parábola, uma vinheta com a qualidade de uma xilogravura antiga, incontornável na sua simplicidade. E é estranhamente fiel aos contornos nítidos de tantos encontros pandémicos discretos e carregados.

Por trás de tudo isso está a infância sem amor de Lucy, trancada com pais abusivos em Amgash, Illinois.

Assim como *Oh William!*, este é um estudo de um reencontro posterior entre um homem e uma mulher que se casaram na casa dos 20 anos. É difícil gostar de William, e a aceitação dele por Lucy exige nossa reflexão atenta. Strout recusa as satisfações fáceis de uma história terna, embora esteja profundamente interessada no que essas pessoas podem oferecer umas às outras. *Lucy by the Sea* também é sobre uma mãe e as suas filhas adultas. Telefonam em crise ou, pior, não telefonam. “Oh meu Deus, eu senti falta daquelas miúdas.” As notícias de gravidezes, de rompimentos, trazem alegria e angústia avassaladoras. A preocupação de Lucy, amplificada pelo confinamento, aumenta em marés tão fortes que as mantém afastadas. Por trás de tudo isso está a infância sem amor de Lucy, trancada com pais abusivos em Amgash, Illinois. As conversas e silêncios com a mãe em *My Name Is Lucy Barton*, e com os irmãos em *Anything Is Possible*, são refratados agora nas conversas com as filhas. Na arejada varanda do topo da falésia, estamos muito longe dos primórdios de Lucy, mas Strout está tão preocupada como sempre com legados de medo e inibição, com “de onde viemos” e com o que é transmitido.

Cada um destes livros é completo em si mesmo. As relações entre eles são notáveis, mas seriam igualmente convincentes se lêssemos a sequência de Lucy ao contrário. Tenho um pouco mais de dúvidas quanto à insistência de Strout de que *todos* os seus romances tracem o mesmo mundo ficcional, com personagens que podem reaparecer a qualquer momento. A casa emprestada de Lucy e William fica nos arredores de Crosby, uma cidade onde conhecemos os vizinhos. Bob Burgess, cuja história familiar foi contada em *The Burgess Boys*, agora torna-se uma figura central. Ouvimos, de certa forma, sobre uma velha chamada Olive Kitteridge que conta histórias perversas numa casa de repouso próxima. É uma autorreflexividade que às vezes vai contra a prosa translúcida e nos lembra do autor supervisor. Mas esse autor tem muito a mostrar-nos sobre passados que sempre retornam e vidas que continuam, quer estejamos assistindo ou não.



O relato de Lucy sobre a sua própria experiência está repleto de histórias de outras pessoas – pessoas que ela conheceu no Maine ou apenas ouviu. De uma forma que lembra o artesanato estrutural de Willa Cather, Strout abre espaço para esses contos separados. A maneira como ela faz isso parece tão ingênua, quase estranha, que mal se percebe o que ela está a fazer até que a força disso nos derruba.

O romance centra-se em pessoas que têm a sorte de se isolar e deixar os noticiários da TV para ver o mar, mas há pouca complacência aqui. A caminhada diária de William até uma torre de vigia da Segunda Guerra Mundial (uma das séries de torres que sinalizam obliquamente na ficção de Strout) torna-se um ato de testemunho ritual enquanto ele reflete sobre a história terrível e o presente perigoso. Lucy faz uma amizade tranquila e cuidadosa com Charlene, que apoia Trump, e continua tentando superar as divisões. Pequenas cenas de tensão social são suficientes para inundá-la com a consciência de que há “profunda, profunda agitação no país”. Como escritora, como mulher, o seu instinto é imaginar o caminho para outras vidas. Mas quando ela escreve a história de um polícia branco, que ama o homem que ela cria na sua ficção, ela se abstém de publicar. A empatia pode dar errado nesta cultura febril do *faço* para hoje.”

A clareza de percepção alterna-se com a dúvida de uma forma que os leitores podem reconhecer tão vividamente quanto as rotinas de cotovelos esbarrados, cabeleireiros amadores e encanamentos domésticos. Captando no próprio ritmo da narração as pressões de 2020, deixando-nos ouvir enquanto Lucy tenta dar sentido às relações durante o confinamento e às tensões políticas que se aprofundam em todo o país, Strout escreveu outro livro maravilhosamente vivo, um romance pandémico tão bom quanto se poderia esperar.

***Lucy By the Sea*, de Elizabeth Strout: um retrato claustrofóbico de um terrível ano de pandemia**

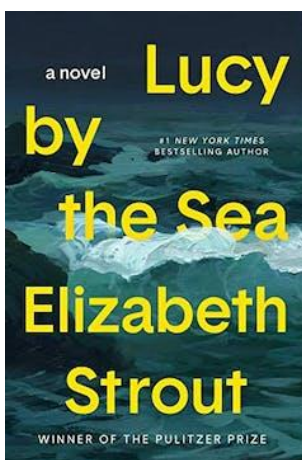


No seu último romance, *Lucy by the Sea*, Elizabeth Strout capta a perplexidade de todos nós no início da pandemia. Sua personagem Lucy Barton admite que não apenas não previu que isso aconteceria, mas mesmo quando percebeu a existência do vírus, ela realmente não acreditava que ele chegaria a Nova York.

3 de outubro de 2022, Carol Lefevre

Crítica: Lucy by the Sea – Elizabeth Strout (Penguin Random House)

É março de 2020, e Lucy, uma escritora, estava programada para viajar para a Itália e a Alemanha, uma turnê do livro que ela, com uma presciência fortuita, cancelou em dezembro. Lucy é uma mulher dada a súbitos lampejos de percepção – tal como a sua mãe, que era conhecida por ter “visões” – e é por isso que, ao olhar para trás, para aqueles primeiros dias da pandemia, não ter sentido a sua ameaça, surpreende-a.



Mesmo quando o amigo mais antigo de seu ex-marido, William, é colocado num respirador e posteriormente morre, ainda é difícil para ela aceitar que isso esteja a acontecer com pessoas que ela conhece. Em retrospectiva, Lucy comenta: “É estranho como a mente não absorve nada até poder.”

William foi mais rápido em detectar o perigo iminente. Ele implora a suas duas filhas, Becka e Chrissy, que deixem a cidade de Nova York com os seus maridos, antes de pegar em Lucy à pressa no seu apartamento e levá-la para a cidade de Crosby, na costa do Maine.

Neste ponto do livro, os devotos do romance *Olive Kitteridge*, de Strout, vencedor do Prémio Pulitzer, sentirão um arrepiamento de reconhecimento e expectativa, pois a cidade costeira fictícia de Crosby é “território Olive”. Com este movimento hábil, Strout reúne os fios separados de grande parte da ficção que escreveu desde que *Olive Kitteridge* foi publicada em 2008.

Antes de se estabelecer como uma escritora de sucesso em Nova York, o território de Lucy Barton era a pequena cidade de Amgash, no meio-oeste, Illinois. A privação de sua infância Amgash assombrou Lucy através dos romances anteriores de Strout, *My Name is Lucy Barton* e *Oh William!* (este último agora [selecionado para o Prêmio Booker de 2022](#)) e em dois dos contos de *Anything is Possible*. Agora continua a arrastá-la na casa à beira-mar, no Maine.

Em *O meu nome é Lucy Barton*, Lucy é contada por um escritor que ela admira:

Você terá apenas uma história... Você escreverá a sua única história de muitas maneiras, nunca se preocupe com a história. Você terá apenas uma.

A história que Lucy tem para contar, repetidamente e de muitas maneiras diferentes, é a história da sua infância, da sua pobreza e isolamento, e da sua complexa relação com uma mãe que foi incapaz de dizer ao seu próprio filho que a amava.

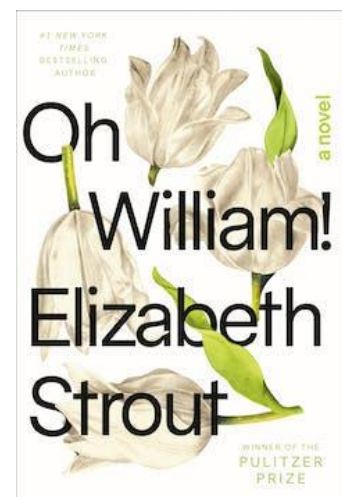
Mesmo adulta, Lucy não conhece a história de sua mãe. Em *Lucy by the Sea*, ela inventou para si mesma uma “boa mãe” com quem pode conversar em particular, distinta da mãe real, com quem os silêncios que ficaram entre elas foram necessariamente mais comoventes do que palavras.

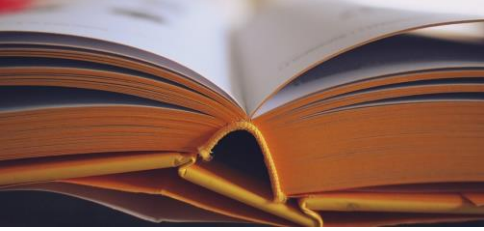
Bloqueio emocional

Trancados numa casa num penhasco com vista para as ondas, Lucy e William se esforçam para preencher os seus dias. Lucy tem dificuldade para ler e, quanto a escrever, acredita que nunca mais escreverá outra palavra. Essa sensação de estar paralisado e incapaz de se concentrar era muito comum naquele momento incerto e indutor de ansiedade da pandemia, especialmente entre os escritores. Mas para Lucy há a percepção de que este é um estado que ela reconhece, tendo passado a infância numa espécie de bloqueio emocional.

No Maine, incapaz de se dedicar às atividades que normalmente a acalmam, Lucy também está de luto pelo marido David, violoncelista da Filarmónica de Nova Iorque, que morreu apenas um ano antes. William também está inesperadamente solteiro desde que sua esposa, Estelle, saiu e levou sua filha Bridget, junto com uma boa parte de seus móveis.

Sem escapar à monotonia do seu auto-isolamento, Lucy, que em circunstâncias normais é carinhosamente rápida a declarar o seu amor - especialmente pelas pessoas - encontra continuamente coisas para odiar: ela odeia estar na casa de outras pessoas, odeia o cheiro; ela odeia sentir frio, mas odeia ficar sentada dentro de casa com um casaco; ela odeia o puzzle de Van Gogh. William insiste que eles tentem; ela odeia neve e odeia William depois do jantar, quando suspeita que ele não a está realmente a ouvir. Com extraordinária paciência, William diz a Lucy para parar de odiar tudo. Para piorar a situação, longe de serem bem-vindos no Maine, alguns moradores são tão antagônicos ao casal que uma mensagem pedindo-lhes que voltem para Nova York aparece anonimamente afixada ao carro. Então, numa visita a um supermercado, uma mulher grita para Lucy: “Seus malditos nova-iorquinos! Vão-se embora do nosso estado!”





Quando Lucy repreende William por não ter sido gentil com ela depois da mulher que gritou, William, ficando estranhamente emocionado, responde que a vida dela é a que ele queria salvar.

'A minha própria vida me importa muito pouco hoje em dia. Mas Lucy, se morreres por causa disso, seria... Ele balançou a cabeça, cansado. 'Eu só queria salvar a tua vida, e se alguma mulher gritasse contigo...'

Quando as suas filhas passam por dificuldades – uma ainda em Nova York, a outra em Connecticut – Lucy e William devem apoiá-las da melhor maneira possível no Maine. Muitos leitores reconhecerão o tormento de lidar com as crises familiares à distância e de não ser capaz de abraçar os entes queridos, mesmo quando a distância é finalmente superada.

Não é Olive

Elizabeth Strout capturou perfeitamente o medo, a frustração e o tédio vividos por muitos de nós durante o primeiro ano de Covid. Até mesmo o seu estilo de escrita fragmentário acrescenta autenticidade a uma época em que poucos de nós conseguíamos concentrar-nos, quando passávamos de noticiário em noticiário, para registar os últimos números de casos e mortes, ao mesmo tempo que sentíamos que o próprio ar que respirávamos trazia riscos.

Entre os fãs de Strout, Lucy Barton é uma personagem muito querida, mas é Olive Kitteridge quem mais frequentemente ganhou as manchetes, com a minissérie de televisão baseada no livro, protagonizada por Frances McDormand, ganhando vários prémios. A natureza polarizadora da personagem de Olive desperta uma forte resposta nos leitores, enquanto a mais reticente Lucy fala baixinho, como alguém sussurrando no ouvido do leitor.

A extraordinária conquista de Strout como escritora foi iluminar tantas vidas imperfeitas, comuns, mas longe de serem comuns, por meio de uma série de histórias e romances interconectados. Embora cada livro seja completo, eles funcionam juntos de forma satisfatória como um todo coeso, de modo que, ao lê-los, conhecemos não apenas um punhado de personagens, mas comunidades inteiras em algumas pequenas cidades na costa do Maine, e em Nova York e Illinois.

Olive Kitteridge e a sua sequência são elegantemente elaborados, com o seu ponto de vista na terceira pessoa (e às vezes onisciente) permitindo uma narrativa com mais nuances. A voz íntima de Lucy Barton na primeira pessoa no ouvido do leitor, com a sua tendência a falar em frases contínuas que muitas vezes terminam com "... é o que eu quero dizer" ou "... é o que estou dizendo", pode tornar-se cansativo.

No final, parece que passamos um ano confinados na cabeça de uma pessoa pequena, amorosa, ansiosa e levemente neurótica chamada Lucy Barton. *Lucy By the Sea* é um retrato perfeito de um ano terrível e, *ah*, como é doce sair de casa, respirar ar fresco e ver o mundo de outros ângulos menos claustrofóbicos, tanto para Lucy Barton quanto para o leitor.